

# UM ESPAÇO FUNERÁRIO CONVENTUAL DO SÉC. XV EM LISBOA: O CASO DO CONVENTO DE SÃO DOMINGOS DA CIDADE

Sérgio Pedroso<sup>1</sup>, Sílvia Casimiro<sup>2</sup>, Rodrigo Banha da Silva<sup>3</sup>, Francisca Alves Cardoso<sup>4</sup>

## RESUMO

A intervenção arqueológica da Praça da Figueira, em Lisboa, foi executada entre 1999 e 2001, tendo correspondido a uma acção reativa a um plano municipal de reabilitação e revitalização do espaço público. O conhecimento sobre a fisionomia da área na Baixa Idade Média encontrava-se mal-esclarecido, embora diversa documentação coeva garantisse que correspondia, na maior parte da área escavada, às antigas Hortas do Convento de São Domingos da Cidade, fundado em 1242, e sobre as quais se ergueria a partir de 1492 o Hospital Real de Todos-Os-Santos.

Neste contexto, no ângulo SO da intervenção arqueológica, reconheceu-se uma area murada à qual foi dada uso funerário, e onde foram identificadas oito sepulturas praticadas em covacho sugerindo uma regular gestão do espaço.

**Palavras-Chave:** Lisboa Medieval, Arqueologia da Morte, Espaços funerários, Arqueologia Conventual, Ordem dos Pregadores.

## ABSTRACT

In 1999-2001, an archaeological excavation took place at Praça da Figueira (Lisbon), in response to a municipal plan for the rehabilitation and revitalization of public space. The knowledge about the physiognomy of the area in Late Middle Ages was poorly understood, although several coeval documents ensured it corresponded in most of the area excavated to the vegetable gardens area of the Dominican Convent, founded in the 1242, and on which it would rise, from 1492, the Royal Hospital of All Saints.

It is in this context that a medieval enclosed area was recognized, which in the 15<sup>th</sup> century, was used for funerary practice. Eight shallow graves were identified, in a framework that suggests a regular spatial management.

**Keywords:** Medieval Lisbon, Archaeology of Death, Burial Ground, Conventual Archaeology, Dominican Order.

## 1. INTRODUÇÃO

A Praça da Figueira é um ponto arqueológico de extrema importância para o conhecimento das antigas ocupações de Lisboa, devido à grande quantidade de informação histórico-arqueológica que gera desde a segunda metade do século XX. São em Lisboa mar-

cantes os trabalhos da Conservadora de Museus Iri-salva Moita, desenvolvidos entre 1960 e 1962, onde hoje se situa a estação do metropolitano do Rossio. Foi aqui que, devido ao seu “acompanhamento” e ulterior escavação, conduzida entre Agosto e Setembro de 1960, se encontraram estruturas pertencentes ao Hospital Real de Todos-os-Santos, anexos do

1. NOVA FCSH, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Mestrando em Arqueologia; sergiopedroso1998@gmail.com.

2. LABOH, Laboratório de Antropologia Biológica e Osteologia Humana, CRIA, Centro em Rede de Investigação em Antropologia / IEM, Instituto de Estudos Medievais, NOVA FCSH, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa; scasimiro@fcs.unl.pt.

3. CAL, Centro de Arqueologia de Lisboa – Câmara Municipal de Lisboa; CHAM, Centro de Humanidades, NOVA FCSH; Departamento de História da NOVA FSCH; rodrigo.banha@cm-lisboa.pt.

4. LABOH, Laboratório de Antropologia Biológica e Osteologia Humana, CRIA, Centro em Rede de Investigação em Antropologia, NOVA FCSH, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa; Cranfield Defense & Security, Cranfield University, Reino Unido; francicard@fcs.unl.pt.

Convento de São Domingos da Cidade, o Cano Real de São Domingos (Silva, 2005) e se detetou parte de uma necrópole Romana, cuja existência já era antes sugerida por outros pontos arqueológicos próximos (Silva, 2005, p. 3).

Antes das ações de Moita, todavia, já em 1953 o olisipógrafo Gustavo de Matos Sequeira havia posto a descoberto restos da escadaria frontal da Igreja do Hospital Real de Todos-os-Santos no subsolo do estabelecimento comercial “Irmãos Unidos”, ainda em considerável bom estado de conservação. Esta descoberta foi notoriamente noticiada na imprensa e alvo de visitas, incluindo a da própria investigadora do Museu da Cidade (Bargão, Ferreira & Silva, no prelo). Não espanta, deste modo, que em 1960 o andamento das obras do metropolitano na Praça da Figueira tenha sido acompanhado por Moita, que é quem ali despoleta e conduz a primeira grande escavação arqueológica de contextos de Época Moderna em Portugal (Bargão, Ferreira & Silva, no prelo). Porém, entre a exumação dos restos com aquela cronologia e a deteção dos achados romanos no subsolo, encontrados a muito maior profundidade já em meados de 1961, nada foi registado para as ocupações da Idade Média, que deste modo compuseram um completo vazio de conhecimento arqueológico (Silva, 2011, 2012, 2018).

Em sentido diverso, as únicas referências textuais minimamente discriminatórias relativas às Hortas de São Domingos reportam-se ao instrumento do escambo efetuado já por D. Manuel em 1502 (recorde-se que as obras se iniciaram em 1492 pela mão de D. João II), que explicitamente refere que “(...) fazemos saber que ouvemos do moesteiro de Sam Domingos desta cidade toda a orta e huum celeyro com sua manga que ho dito moesteiro tinha hy junto pera se no chãao da dicta orta celeyro e manga aver de fazer o espital de Todollos Sanctos (...)”<sup>5</sup>, ou a descrição e condições de salubridade do terreno prévias e do próprio edifício conventual no século XIII, mencionando a ereção posterior de um muro de cerca, produzida muito mais tardiamente por Fr. Luís de Sousa, na segunda metade do séc. XVI (Sousa & Cacegas, 1767, pp. 315-318). Como se conclui, o laconismo da documentação medieval e moderna

citada, de forma alguma permitia entrever a densidade de dois séculos e meio de uso do espaço pelos frades dominicanos.

Perante este panorama, a intervenção arqueológica desenvolvida na Praça da Figueira entre 1999 e 2001 representou a primeira ocasião em que se conheceram os vestígios materiais das ocupações medievais no seu todo e em toda a sua riqueza informativa, o que incluiu uma estrada muçulmana, mais de uma dezena de habitações e os quatro arruamentos respetivos de uma secção de um bairro arrabaldino da cidade islâmica (Silva, Gomes & Gomes, 2011, pp. 19-22; Silva, 2012), vestígios das ocupações da segunda metade do séc. XII e primeira metade do século XIII e, por fim, as dinâmicas correspondentes à Corredoura medieval (que sucedeu no mesmo local à anterior estrada muçulmana (Silva, 2012, p. 141), às parcelas suburbanas setentrionais da antiga Rua da Betesga e, claro está, dos cerca de dois séculos e meio de utilização do terreno das Hortas de São Domingos (Lourinho, 1972, p. 32; Moita, 1994, p. 119; Silva, 2012, p. 10, 2018).

## 2. MATERIAIS E MÉTODOS

Com base nos registos de campo (descritivos, gráficos e estratigráficos), realizou-se uma análise do espaço funerário, considerando-se aspetos como a sua organização, o tipo de inumação, o modo de deposição, a orientação, a tipologia das sepulturas. A amostra osteológica associada a este contexto foi já alvo de estudo, pelo que consequentemente os dados relativos ao perfil biológico aqui apresentados estão de acordo com os da autora (Busom, 2017). No presente trabalho somente os dados referentes ao perfil biológico (e.g. idade à morte e diagnose sexual) são utilizados. A metodologia de análise utilizada pela autora na inferência destes parâmetros biológicos, obedeceu a métodos amplamente utilizados, com foco na análise morfológica dos vários elementos ósseos do esqueleto e níveis de desenvolvimento e maturação óssea (Busom, 2017). Aos indivíduos considerados como “não-adultos” não foi realizada a diagnose sexual, uma vez que dimorfismo sexual é ainda incipiente, e os métodos existentes têm associado um erro significativo ao nível do diagnóstico. Na apresentação da estimativa da idade à morte será introduzida uma ligeira alteração, relativamente à abordagem apresentada por Busom (2017), na apresentação dos resultados: as classifica-

5. Transcrito de “Carta de D. Manuel sobre a doação por escambo da cerca do Convento de S. Domingos”, 22 Agosto 1502. ANTT, *Registo de Escrituras do reinado de D. Manuel I*, Liv. 1134, fl. 1-2v. [Arquivo Nacional Torre do Tombo].

ções etárias serão qualitativas, ao invés de quantitativas, procurando assim minimizar-se o erro interpretativo de atribuição de uma cronologia etária com base em alterações ósseas, e fases de maturação e desenvolvimento.

Consequentemente, os indivíduos serão classificados de “não adultos”, “adolescentes” e “adultos” contrariamente à classificação cronológica apresentada por Busom (2017). Os esqueletos classificados como sendo de indivíduos “adolescentes” compreendem intervalos etários entre os 11 anos e 18 anos. As questões associadas aos limites interpretativos da inferência do perfil biológico em material ósseo, assim como a reavaliação dos elementos ósseos desta amostra, serão exploradas no âmbito de dissertação de mestrado atualmente em desenvolvimento por um dos autores (S.P.).

### 3. O ESPAÇO FUNERÁRIO DA PRAÇA DA FIGUEIRA

O espaço funerário medieval identificado na intervenção da Praça da Figueira em 1999-2001 situava-se na área inserida nas quadrículas C10 e C11, localizadas no exterior do futuro estacionamento automóvel subterrâneo, no ângulo SO da escavação (Silva, 2018 e Figura 1).

Porque situado a uma cota inferior à da fachada do Hospital Real de Todos-os-Santos, esta localização fixa-lhe desde logo um intervalo cronológico superior, considerando aqui que os trabalhos de edificação se desenvolveram a partir de finais do séc. XV, segundo o testemunho produzido em 1545 por Garcia de Resende: “(. . .) no anno de mil e quatrocentos e noventa e dous a quynze dias do mes de Mayo mandou el-rey [D. João II] perante si fundar e começar os primeiros aliceces do espirital grande de Lixboa da invocaçam de Todolos Sanctos na maneira en que ora está feito, o qual lugar era horta do Moesteiro de Sam Domingos. E nos primeyros aliceces el-rey por sua mão por honrra de tam sancto, tam grande, e tam piadoso edeficio, lançou muytas moedas d’ouro. E esse dia andou todo ahi vendo como se começava e comeo em casa do Conde de Monsanto que he pegada com a horta do dito espirital” (Resende, 1597, cap. CXL).

A documentação histórica é omissa a respeito de edifícios sacros na área precisa onde se revelou o núcleo funerário. A norte da Igreja de São Domingos, fundada em 1242, mas concluída mais tarde, somente no reinado de D. Afonso III, encontrava-se

a Ermida de Nossa Senhora da Escada ou de Nossa Senhora da Purificação (Lourinho, 1971, pp. 121-123; 1972, p. 33). Apesar de não existir documentação que date a implementação e construção desta Ermida, pensa-se que a sua fundação se deva ao primeiro bispo de Lisboa, D. Gilberto de Hastings (Lourinho, 1972, p. 36), pelo que já estaria em funcionamento antes da criação do edifício conventual dominicano (Marado, 2018, p. 65). As referências são, todavia, difusas e discordantes, aventando-se em contrapartida a hipótese da sua trasladação de um local próximo (possivelmente, do Alto da Corredoura) cerca do ano de 1300, altura em que é transportado para a vizinhança do templo dedicado a São Domingos (Lourinho, 1972, pp. 38-39). Ora, não só a cronologia do contexto arqueológico que aqui tratamos é discordante de qualquer destas realidades, por bem mais tardia, como a sua correspondência com a hipotética primeira localização da Ermida é desadequada em face da menção geográfica específica ao “Alto”, o que está em desacordo com o que se pode intuir da paleotopografia da Praça da Figueira entre os séculos XII e XV.

A explicação para a presença dos sepultamentos exumados em 2001 terá, por conseguinte, de ser diretamente relacionada com as dinâmicas do complexo conventual dominicano, e terá que se considerar estar omissa das fontes escritas conhecidas até ao momento, o que, se por um lado lhe aumenta o interesse, não deixa, em contrapartida, de por isso colocar compreensíveis limitações.

### 4. DADOS CONTEXTUAIS

A área escavada em C10/11 equivaleu a um polígono irregular destinado ao acesso pedonal do futuro estacionamento subterrâneo, estando localizado no exterior deste. Previamente à escavação arqueológica foram implantadas as paredes perimetrais de contenção em betão que seccionaram o espaço, naturalmente perturbando os contextos arqueológicos.

Merece especial menção a presença do espesso muro [7016] a Oeste, edificado em forte alvenaria de argamassa rica em cal e ao qual se encontrava adossado, na extremidade NO da zona escavada, uma cantaria oitavada, gótica, muito provavelmente equivalente à ombreira de um vão. O topo conservado do muro situava-se à cota 7,83 m, tendo o restante da superestrutura sido desmantelado pelos trabalhos de aterro e preparação para a construção do Hospital

Real de Todos-os-Santos, como antes vimos ocorridos a partir de 1492, bem como sido colmatado pela sua face interna por sucessivos depósitos e uma estrutura negativa (lixeira? [7113]) com destaque para um primeiro depósito [7107], mais espesso, que compõe a sequência (Figuras 2-3).

O lado interior (oriental, orientado para o interior das Hortas de São Domingos), estava apenas rebocado e, ao nível da sua base, próxima dos 6,90 m de cota absoluta, um aglomerado de pedra de pequena dimensão é relacionável com a ação da sua instalação. Um depósito [7115] foi violado pela abertura dos covachos destinados ao uso funerário e sobrepõe-se ao nível de instalação do muro [7016], pelo que necessariamente as sepulturas lhes serão posteriores.

As características construtivas do muro, a despeito da sua maior espessura, são similares às apresentadas pelos restantes muros da cerca conventual identificados, incluindo aqui os muros da manga e os de dois poços hidráulicos ovais, qualquer deles exumados no interior do espaço das hortas (Silva, 2012, p. 5; 2018). As estruturas mencionadas, já antes divulgadas, encerram uma cronologia do século XV, que o tipo e exiguidade de “materiais datantes” não permite melhor precisar (Silva, 2018).

Fora do sector que vimos descrevendo, em B6/7, sob as potentes infraestruturas de assentamento da monumental escadaria de acesso à Igreja de Todos-os-Santos, já manuelina e dos últimos anos do século XV/primeiros do séc. XVI, haviam sido também detetados em 2000 pela intervenção arqueológica da Praça da Figueira. Aqui se somam vestígios de mais duas sepulturas, destruídas quase por completo no decorrer das obras de estacionamento de 1999 e 2001, e na obra de D. Manuel. A cota aproximada era similar à que vimos tratando e permite integrá-las numa mesma realidade, muito embora o espólio osteológico seja claramente insuficiente para a caracterização dos dois indivíduos inumados.

A importância destes vestígios tornados discretos é, todavia, fundamental, por permitir entrever a existência de um uso funerário do espaço ao longo de, pelo menos, 27 m de extensão, encostados aos limites ocidentais da propriedade conventual. Deverá assinalar-se que de acordo com as observações arqueológicas da escavação, o uso funerário está completamente ausente dos restantes mais de 25 m que se reconheceram próximo da zona da cerca conventual mais a norte (Silva, 2018, fig. 2).

Retornando à área de C10/11, e abaixo do nível das

sepulturas, foi detetado um piso empedrado com fiada de limitação bem definida pelo lado oeste [7045], já recoberto por depósitos, situado à cota 6,85–6,88 m. O piso estava ligeiramente sobrelevado em relação ao terreno imediatamente confinante para Oeste (já o nível do solo do Rossio medieval), situado cerca de 10 cm abaixo. Esta estrutura equivale, sem grandes reservas, a uma parcela da estrada nomeada na documentação medieval como “Corredoura”: trata-se de um dos principais itinerários de entrada-saída da cidade de Lisboa, cuja origem mais remota se encontra nos inícios do Alto Império Romano, mas que com a feição medieval se fixou somente nos finais do século XI, durante o período de domínio islâmico de Lisboa (Silva, 2012) (Figura 4). A edificação do Hospital Real absorveria urbanisticamente o troço de passagem da Corredoura no Rossio, incorporando-o sob as 35 arcadas do pórtico manuelino da fachada do complexo do Hospital-Convento de São Domingos, numa intenção de aformoseamento do Rossio que, apesar da sua linhagem estética gótica, encerra claro sabor renascentista, desenhando uma fachada para a cidade naquela que foi, afinal, a sua primeira praça propriamente dita.

## 5. A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO FUNERÁRIO

Os contextos funerários em análise equivalem a oito unidades estratigráficas negativas –U.E.s [7019], [7020], [7021], [7022], [7023], [7024], [7036], [7039] e [7128]. Nelas se assinalou material biológico humano (i.e., esqueletos em articulação e ossos dispersos) à exceção de [7021], onde estes estavam ausentes. Em todas as sepulturas a orientação é, grosso modo, oeste-este (na realidade em torno dos 19° NO), o que não se distancia muito de uma orientação “canónica” (Figura 5).

As sepulturas caracterizavam-se como sendo covachos ovalados, com dimensões bastante variáveis, medindo entre 1 m e 1,90 m de comprimento máximo, não considerando aqui as sepulturas [7029] e [7041], cortadas pela construção das paredes de contenção em betão, preservando c. 90 cm e de c. 70 cm de comprimento preservado, respetivamente. As dimensões dos eixos maiores dos covachos detêm uma relação direta com as dimensões dos inumados correspondentes, o que sugere a sua abertura num momento que pouco antecedeu a deposição do defunto. A profundidade total dos covachos situar-se-

-ia em torno dos 60 cm, embora com uma ligeira variação entre elas, com a mais profunda ([7021]) à cota 6,88 m, e a mais superficial ([7026]) situada nos 7,02 cm. Apesar do espectro relativamente regular do espaço fúnebre, o distanciamento lateral entre sepulturas era também variável, entre os 10 cm e os 65 cm. A despeito da exiguidade da área intervencionada, é fácil perceber-se a articulação da disposição dos covachos em respeito ao muro [7016], que supomos representar um limite da propriedade dominicana no séc. XV. Deste modo, parece existir um primeiro alinhamento a oeste, a que correspondem oito sepulturas, não se podendo afirmar categoricamente a existência de um segundo alinhamento para leste, dado estar somente representado por uma única sepultura; convém ter presente, em sentido inverso, que a instalação em 1999 dos muros de contenção da obra do estacionamento, poderão ter obliterado por completo as hipotéticas outras sepulturas de uma segunda fiada, caso estas se encontrassem um pouco mais para leste. Certo é, que mais para o interior do espaço medieval das Hortas de São Domingos (para leste) não se documentou qualquer uso funerário, pelo que se define assim *in absentia* a extensão deste. Em todo o caso, a disposição relativamente regular dos sepultamentos, como a inexistência de cercaamentos pela abertura de covachos mais recentes sugere uma efetiva e cuidadosa gestão do espaço funerário que, sublinhe-se, foi destinado a inumações individuais primárias. Este último aspeto assume alguma relevância se se comparar o caso em estudo com o identificado próximo, no adro da Igreja de São Domingos, em escavações dirigidas por Dias Diogo em 1991, onde foram identificadas sepulturas múltiplas, com dois a quatro indivíduos (Trindade & Diogo, 2000, p. 60; Trindade *et alii*, 2001, p. 109). Deverá assinalar-se, também, que ao nível da visibilidade externa das sepulturas, i.e., ao nível do solo coevo, nenhuma evidência arqueológica foi reconhecida, quer direta, quer relacionável. Os tipos de sinalização à superfície, de sepulturas individuais em covachos datados da Baixa Idade Média mais conhecidos arqueologicamente para na região equivalem à utilização de estelas (Oliveira, 2006, p. 217), de elementos pétreos nas suas muito variadas configurações, ou de um e outro combinados. A despeito dos tipos regionais identificados, de que se poderiam citar os exemplos coevos de Arruda dos Vinhos (Antunes-Ferreira, Cardoso & Santos, 2013, p. 1113) ou São Miguel de Odrinhas (Coelho,

2006-2007, pp. 128-130), poder-se-á considerar alternativamente, a utilização de materiais percíveis, mas é matéria que coloca especiais dificuldades de rastreamento em processo de escavação e que, por outro lado, raramente é considerada na Arqueologia Medieval de Lisboa. Deverá sublinhar-se que a ausência das evidências arqueológicas da sinalização à superfície das sepulturas na necrópole objeto deste trabalho corresponde tão somente a um vazio de informação, porque forçosamente se praticou neste cemitério uma cuidada gestão do espaço fúnebre, que o respeito colocado no distanciamento entre as sepulturas identificadas comprova.

Noutro sentido, nenhum elemento artefactual foi encontrado em associação com os inumados, o que na aparência poderia estar a sugerir um baixo nível socioeconómico dos sepultados. Este tipo de inferências, porém, deve ser bastante relativizado, para mais no caso presente considerando estarmos num quadro conventual de uma ordem mendicante. Ora, e não se tratando os sepultados de religiosos dominicanos, por haver elementos não adultos e femininos assinalados, a associação de elementos artefactuais como base para inferências de *status* perde qualquer sentido neste caso (como noutros) em função dos potenciais contornos mentais e devocionais dos indivíduos e da sua necessária relação com a regra mendicante que prega a pobreza e o despojo de bens como virtude, como é o caso dos dominicanos.

## 6. PERFIL BIOLÓGICO DOS INDIVÍDUOS

De acordo com Busom (2017), neste espaço funerário, os indivíduos encontram-se orientados de oeste para leste, em decúbito dorsal com os membros superiores fletidos sobre o tórax, e os inferiores estendidos paralelamente (Figuras 6-9). Relativamente ao perfil biológico, foram identificados quatro adultos (um masculino e três femininos), dois adolescentes e um não adulto (Figura 10) (Busom, 2017, p. 30).

## 7. DISCUSSÃO

O uso funerário do espaço objeto do presente trabalho acarreta algumas implicações interpretativas, dado que na Idade Média o sepultamento cristão era praticado em espaço considerado como sagrado, ou seja, no interior ou imediações de edifícios religiosos (Barroca, 1987, p. 24; Cunha, 2017, p. 72; Antunes-Ferreira, Cardoso & Santos, 2013, p. 1113).



Ora, neste sentido, a despeito de nenhuma evidência documental nos documentar nesta zona das hortas conventuais de São Domingos a existência de qualquer espaço sacralizado, ou de a intervenção arqueológica não ter revelado qualquer tipo de outras evidências categóricas neste sentido, terá que se admitir a existência de tal sacralização. Convém, a este propósito, lembrar que a dimensão arquitetónica de um espaço desta natureza poderia ser tipologicamente muito variável, incluindo capelas ou pequenos oratórios (Bencatel, 2009, p. 210), geralmente situados em zonas periféricas ou até limítrofes da cerca conventual. Tal parece ser o caso detetado arqueologicamente em São Domingos da Cidade, e talvez assim se explicando a relativa robustez do muro de limite conventual e a existência de um vão/fenestração nele, composto por elementos arquitetónicos do gótico tardio de que se reconheceu apenas a base de uma ombreira.

Uma outra dimensão interpretativa do núcleo funerário do Convento de São Domingos assoma num outro sentido, histórico.

O estudo monográfico de Luís Ribeiro Gonçalves (2011) sobre a zona lisboeta dos Restauradores – Rossio – Praça da Figueira – Martim Moniz na Idade Média veio mostrar, com base documental bastante consistente, que nesta área periurbana da cidade onde se implantaria na década de 1240 o Convento de São Domingos, se concentravam em matéria de propriedade os principais elementos do poder urbano, pois, “(...) *entre cónegos regrantes, cavaleiros de Santiago, monges cistercienses e mendicantes, passando pelo clero secular e pelo próprio monarca, aqui estão presentes quase todas as principais instituições da cidade, se não mesmo do Reino*” (Gonçalves, 2011, p. 102, p.142). Zona a um tempo marginal e polarizadora, o seu peculiar interesse prendeu-se com as muito boas acessibilidades, a elevada disponibilidade hídrica e a boa aptidão agrícola para o regadio, estando cumulativamente numa posição estratégica em relação à principal estrada de acesso e em relação ao Rossio como entidade urbana.

É o interesse desta zona que motivará, decerto, as tensões entre os vários poderes urbanos terratenentes ali representados, e que de alguma forma poderá ajudar a justificar o tipo de registo arqueológico revelado pela intervenção de 1999-2001. Assim, o achado do piso da corredoura medieval (que poderá datar dos finais do séc. XIII aos inícios do séc. XV) documenta, de forma cabal, que o espaço em causa

era espaço público da cidade no período da sua construção, em última instância tutelado pelo monarca. Assim sendo, a edificação de um novo muro de limite da propriedade dos pregadores significará uma ação de apropriação marginal do terreno pela Ordem de São Domingos, episódio ocorrido algures durante o séc. XV. Será neste quadro, por conseguinte, que se terá que perspetivar a utilização da área apropriada com finalidade funerária. Porque os preceitos religiosos exigem que o sepultamento cristão seja praticado em solo sagrado, a utilização da área como funerária consubstanciaria o carácter religioso do solo e inviabilizaria a sua reclamação como terreno público, correspondendo deste modo a uma estratégia de materialização da apropriação por parte dos Dominicanos, afinal depois desfeita em 1492-1502 aquando a construção do Hospital Real de Todos-Os-Santos, que retoma o traçado anterior e implicitamente devolve a parcela de terreno ao domínio público.

## FONTES

### Fontes Manuscritas

Arquivo Nacional Torre do Tombo.

Registo de Escrituras do Reinado de D. Manuel I. Liv. 1134, fl. 1-2v.

## BIBLIOGRAFIA

ANTUNES-FERREIRA, Nathalie; CARDOSO, Guilherme; SANTOS, Filipa (2013) – A Necrópole Medieval/ Moderna de Arruda dos Vinhos. In ARNAUD, José; MARTINS, Andrea; NEVES, César, Coords. – *Actas do I Congresso da Associação de Arqueólogos Portugueses “Arqueologia em Portugal-150 anos”*, Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1111-1117.

BARGÃO, André; FERREIRA, Sara; SILVA, Rodrigo Banha da (no prelo) – Memórias de duas intervenções: o remanescente do Hospital Real de Todos-Os-Santos em 1960-1961 e 1999-2001. In *Musa, 2, Atas do Colóquio de Homenagem a Irisalva Moita*. Lisboa: Egeac, Museu de Lisboa.

BARROCA, Mário Jorge (1987) – *Necrópoles e Sepulturas Medievais de Entre-Douro-e-Minho (Séc. V a XV)*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Dissertação para Provas Públicas de Capacidade Científica).

BENCATEL, Diana (2009) – Sarcófagos e Sepulturas medievais (Maia e Matosinhos): análise tipológica e cronológica. In *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Lisboa: Direção Geral do Património Cultural, 12:2, pp. 209-238.

BUSOM, Julia (2017) – *Late Medieval Lisboa. Seven Individuals from Praça da Figueira*. Cranfield: Universidade

- de Cranfield (Dissertação de Mestrado em Antropologia e Arqueologia Forense).
- COELHO, Catarina (2006-2007) – Ruínas Arqueológicas de São Miguel de Odrinhas: a propósito da Campanha de 1997. In *Arqueologia e História*, Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, Série 12, 58/59, pp. 119-142.
- CUNHA, Mário (2017) – O Espaço Eclesial como local de sepultura: As visitas quinzentistas às Igrejas da Ordem de Santiago. In ROSAS, Lúcia; SOUSA, Ana Cristina; BARREIRA, Hugo, Coords. – *Actas do Congresso “Genius Loci: Lugares e Significados / Places and Meanings”*, Porto: CITEM, Vol. 1, pp. 71-84.
- DIOGO, António Dias; TRINDADE, Laura (1999) – Estudos Arqueológicos Efectuados pelo G.T.T.R.L. no Martim Moniz e sua Envolvente. In *Olisipo*, Série II, 8, Lisboa: Associação dos Amigos de Lisboa, pp. 44-54.
- FR. LUÍS DE SOUSA; FR. LUÍS CACEGAS (1767) – *Primeira Parte da História de S. Domingos particular do Reino e Conquistas de Portugal*. Lisboa: Officina de Antonio Rodrigues Galhardo.
- GONÇALVES, Luís Ribeiro (2011) – *Sistemas de povoamento e organização territorial: dois vales na periferia de Lisboa (séculos IX-XIV)*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (Dissertação de Mestrado em História Medieval). (policopiado).
- LOURINHO, Manuel (1971) – A Igreja e o Convento de S. Domingos de Lisboa. In *Olisipo*, Ano XXXIV, nº 133, Lisboa: Associação dos Amigos de Lisboa, pp. 115-123.
- LOURINHO, Manuel (1972) – A Ermida de Nossa Senhora da Escada nas suas relações com a Igreja e o Convento de S. Domingos. In *Olisipo*, Ano XXXV, nº 134, Lisboa: Associação dos Amigos de Lisboa, pp. 32-45.
- MARADO, Catarina (2018) – *Arquitetura Conventual e Cidade Medieval: a Formação e os Impactos dos sistemas urbanísticos mendicantes em Portugal (Séc. XIII-XV)*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- MOITA, Irisalva (1994) – O Hospital Real de Todos-os-Santos. In *Exposição: Lisboa Subterrânea*, Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, pp. 118-125.
- OLIVEIRA, Ana (2006) – Cabeceiras de Sepultura do Concelho de Loures. In *Actas do VIII Congresso Internacional de Estelas Funerárias, Suplemento nº3 de O Arqueólogo Português*, Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, pp. 215-238.
- RESENDE, Garcia de (1596) – *Chronica que tracta da vida e grandíssimas virtudes [...] de Dom João o Segundo*. Lisboa: Casa de Simão Lopez.
- SILVA, Rodrigo Banha da (2005) – “*Marcas de Oleiro*” em terra sigillata da Praça da Figueira (Lisboa): Contribuição para o conhecimento da economia de Olisipo (Séc. I a.C. – Séc. II d.C.). Minho: Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho (Dissertação de Mestrado em Arqueologia).
- SILVA, Rodrigo Banha da (2012) – A Ocupação do Período da Dominação Islâmica na Praça da Figueira (Lisboa). In SALVADO, Sallette, Coord. – *Actas do Colóquio “Afonso I de Portugal nos 900 anos do seu nascimento”*, Lisboa: Associação dos Amigos de Lisboa, pp. 137-147.
- SILVA, Rodrigo Banha da (2018) – O Convento de São Domingos, em Lisboa, e a leitura arqueológica das suas hortas, entre os séculos XIII e XV. In ANDRADE, Amélia Aguiar; TENTE, Catarina; SILVA, Gonçalo Melo da; PRATA, Sara, Coords. – *Espaços e poderes na Europa urbana medieval*. Castelo de Vide: IEM/FCSH/NOVA, Câmara Municipal de Castelo de Vide (col. Estudos, 18), 2018, pp. 553-569.
- SILVA, Rodrigo Banha da, GOMES, Mário Varela; GOMES, Rosa Varela (2011) – O Bairro Islâmico da Praça da Figueira (Lisboa). In GOMES, Mário Varela, GOMES, Rosa Varela; TENTE, Catarina, Coords. – *Actas do Colóquio “Cristãos e Muçulmanos na Idade Média Peninsular: Encontros e Desencontros”*, Aljezur/ Lisboa: IAP, pp. 17-26.
- TRINDADE, Laura; DIOGO, António Dias (2000) – Elementos sobre o cemitério do Adro da Igreja de S. Domingos. In *Arqueologia e História: Estudo de Lisboa – Séculos XV a XIX: I Colóquio Temático*, Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, Série 11, 52, pp. 59-71.
- TRINDADE, Laura; LOPES, Luís; NETO, José; DIOGO, António Dias (2001) – Elementos para o estudo dos restos humanos da intervenção arqueológica de 1991 no cemitério do adro da Igreja de São Domingos em Lisboa. In *Arqueologia e História*, Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, Série 11, 53, pp. 109-124.



Figura 1 – Área intervencionada na Praça da Figueira (1999-2001) – localização do espaço funerário.

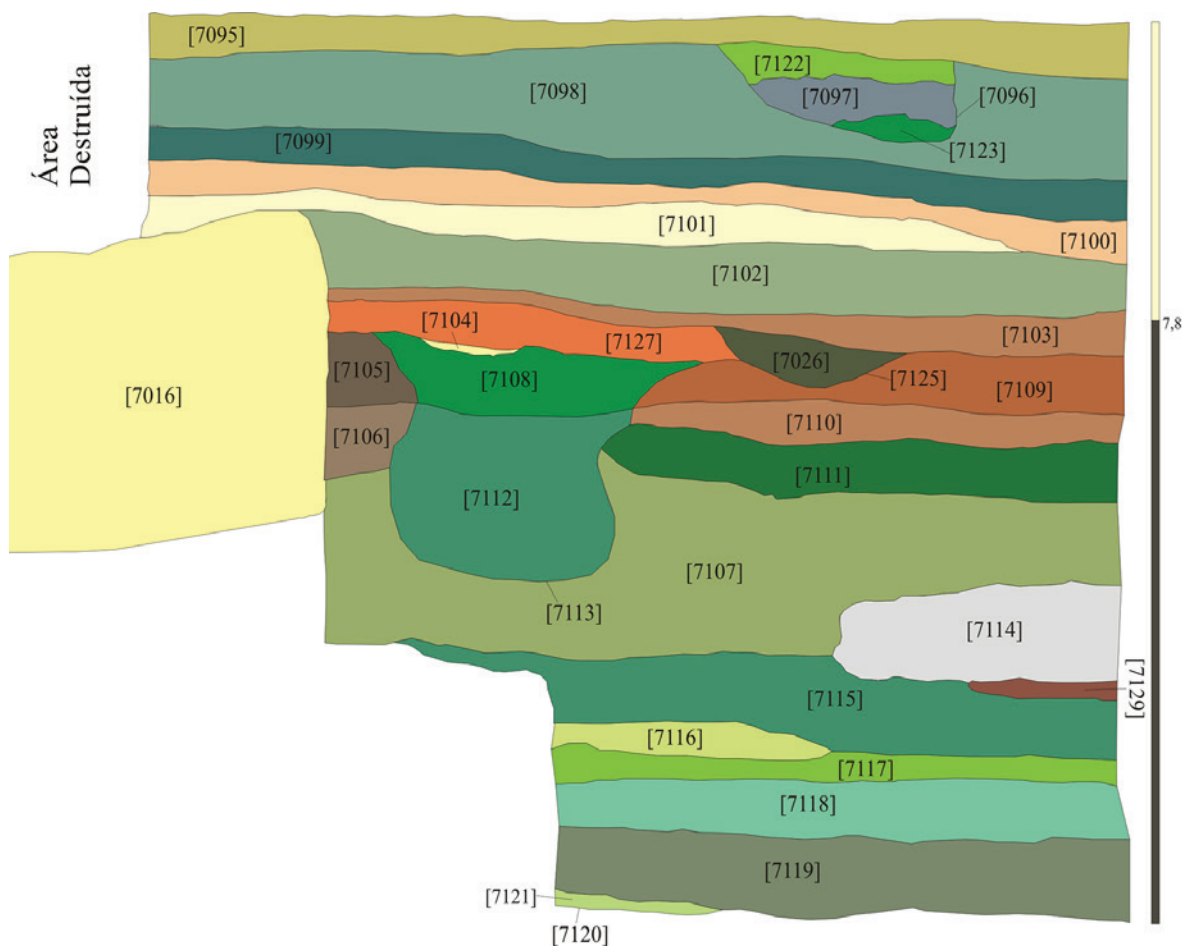


Figura 2 – Perfil Norte de C11.



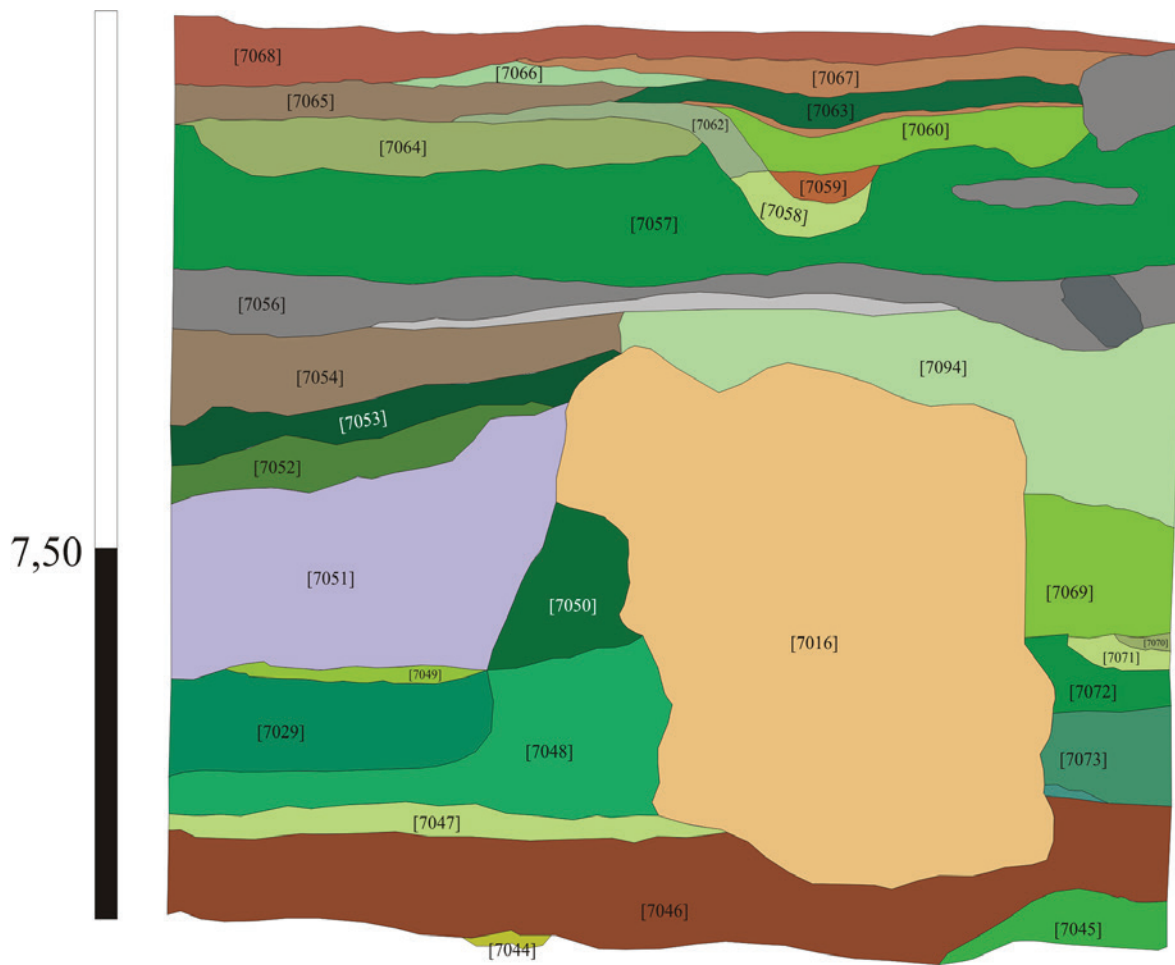


Figura 3 – Perfil Sul de C11.

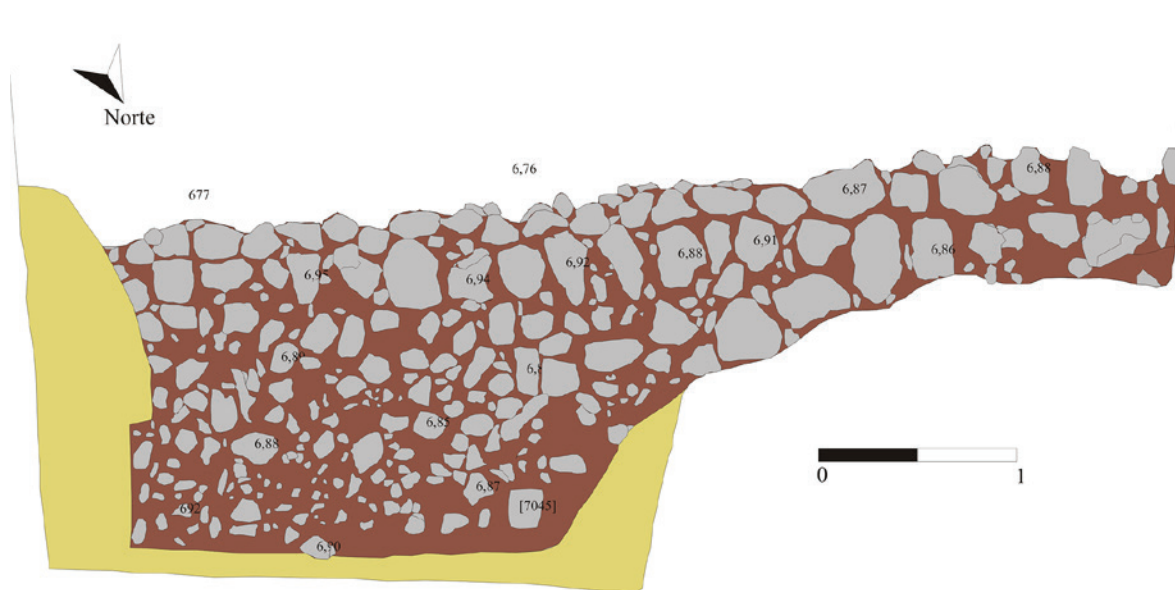


Figura 4 – Plano Geral do troço da Corredoura Medieval – Quad. C11, escala 1:20.

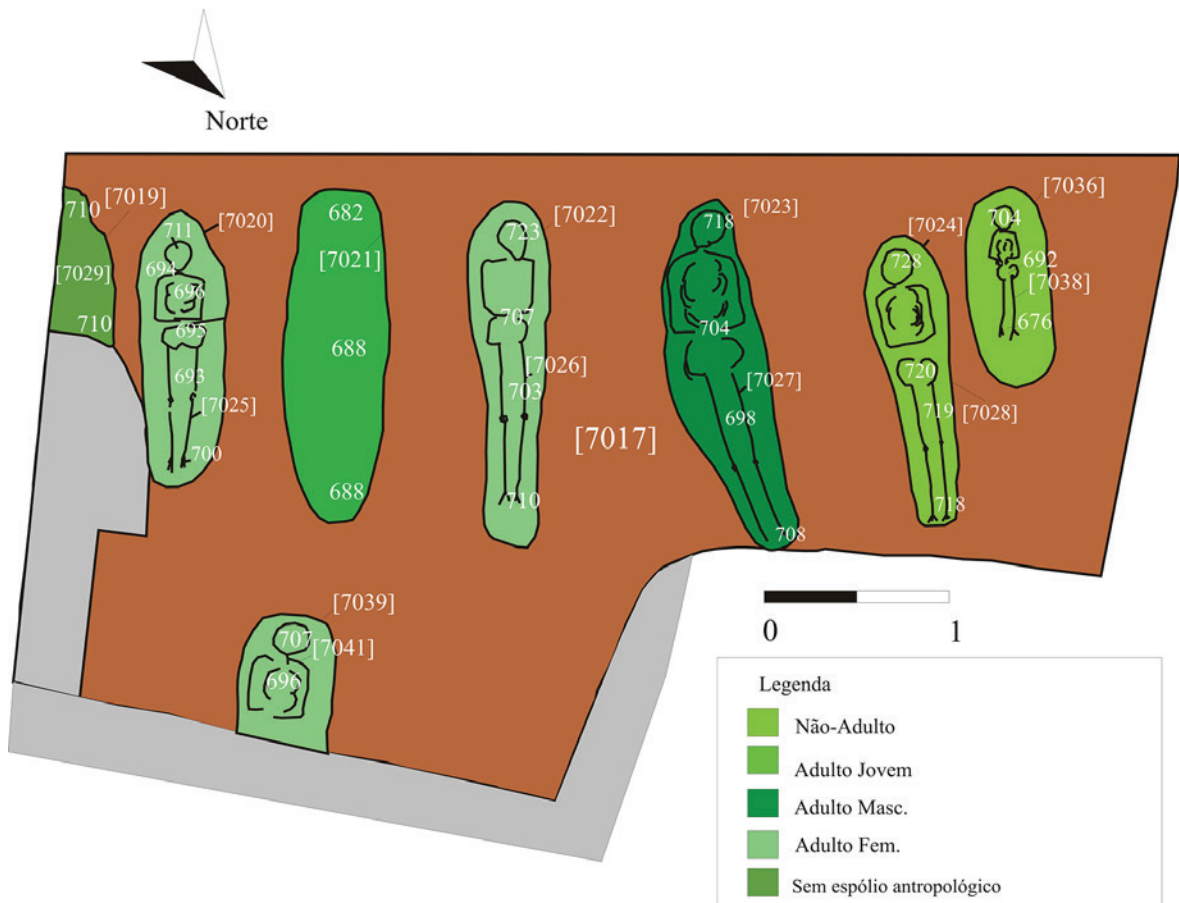


Figura 5 – Plano Geral de C11, Distribuição das sepulturas e perfil biológico dos Indivíduos, escala 1:20.



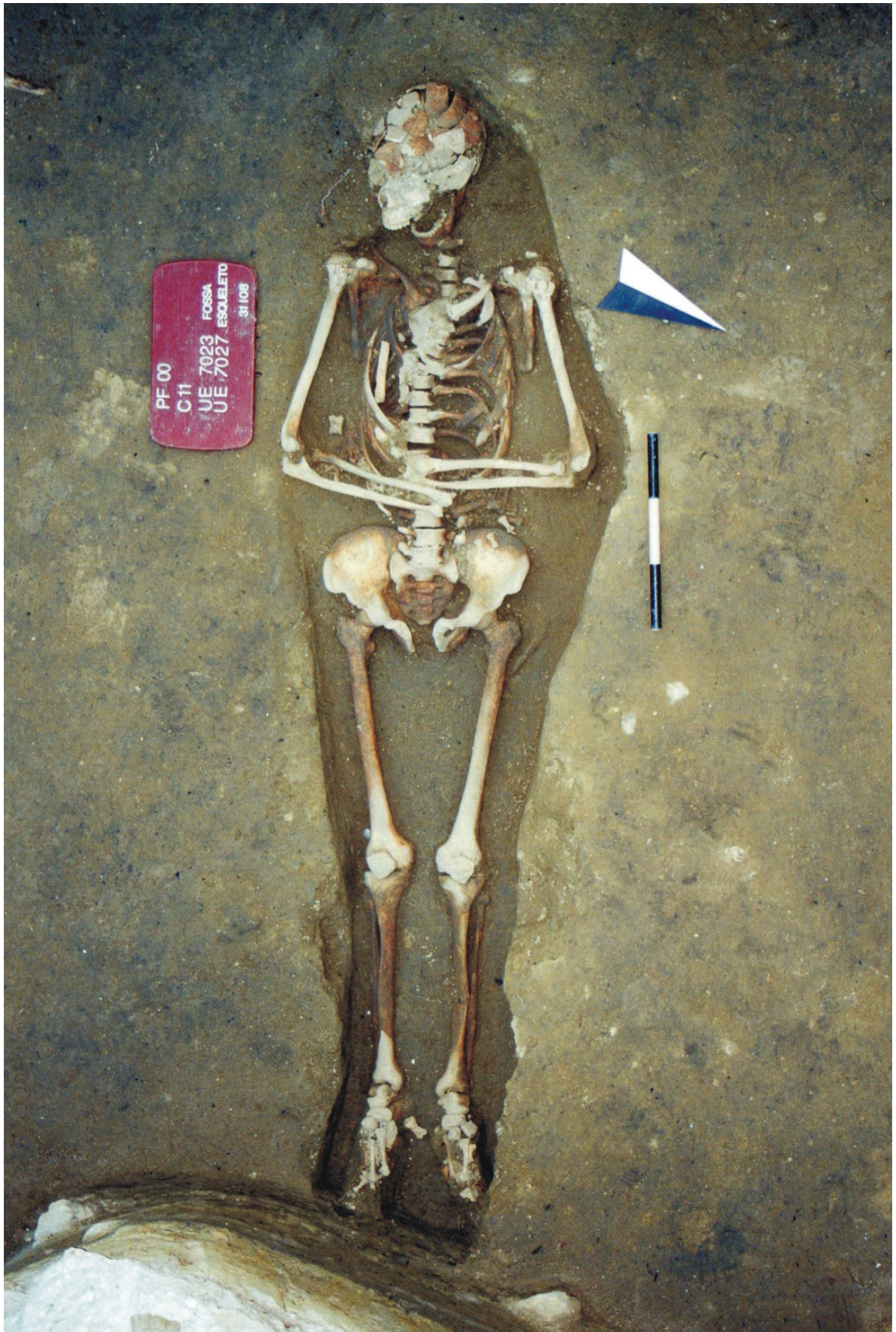


Figura 6 – Sepultura [7023], indivíduo [7027].





Figura 7 – Vista do espaço funerário, U.E.s [7019] a [7024].



Figura 8 – Vista geral do espaço funerário.





Figura 9 – Sepultura [7039], indivíduo [7041].

Indivíduo	Diagnose Sexual	Categoria Etária
[7025]	Feminino	Adulto
[7026]	Feminino	Adulto
[7027]	Masculino	Adulto
[7028]	Indeterminado	Adolescente
[7038]	Indeterminado	Não Adulto
[7041]	Feminino	Adulto
[7128]	Indeterminado	Adolescente

Figura 10 – Perfil Biológico (adaptado de Busom, 2017).





**AAP**  
ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES

**MAC**  
MUSEU  
ARQUEOLÓGICO  
DO CARMO

**CITCEM**  
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR  
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

**FCT** Fundação  
para a Ciência  
e a Tecnologia

**U** PORTO  
FLUP FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE DO PORTO

Apoio:

**musaji**  
Associação de Amadores do Museu de Penafiel

